Ano XIV — TAVIRA, 25 de Maio de 1947 — N.º 672

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Editor e Proprietário
MANUEL VIRGÍNIO PIRES
Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11—TAVIRA

DIRECTOR
ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS
Série de 10 numeros—Tavira e Freguesias Rurais . 6$00
» » 10 » —Para outras localidades . . 7$00
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

AVENÇA

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

Duas palavrras DE JUSTIÇA E HOMENAGEM

Por ANTERO NOBRE

PEDEM-ME os meus amigos do «Povo Algarvio» que volte ao convívio dos seus leitores, de que ando afastado há mais de dois anos pelos nulos lazeres de uma vida profissional afanosa, retomando nas suas colunas o lugar de colaborador com que a muita benovolência de todos desde a primeira hora me quis distinguir e honrar; e fazem-no de tal forma — não só com insistência penhorante, mas também em nome de uma amizade velha de muitos anos, que nem as vicissitudes e trabalhos da vida nem a separação a que as contingencias da mesma vida nos forçou, conseguiram ainda sequer empanar na sua limpidez e na sua firmeza e lealdade — que não posso nem devo escusar-me por mais tempo, até para não cometer o pecado de uma ingratidão injustificável e imperdoável. Mas, porque na última vez em que alinhei algumas palavras para o «Povo Algarvio» figurava ainda no seu cabeçalho o nome do Dr. Jaime Bento da Silva, que com tanto prestigio e tão elevado sentido da sua missão o dirigiu durante tantos anos, e hoje venho encontrar na sua direcção o nome de Isidoro Pires, que de há muito se consagrou como o de poeta distintíssimo entre os poetas desta nossa terra algarvia e como de tavirense que tem o seu melhor brasão no amor da sua cidade natal, quero que as minhas palavras, na hora do regresso, sejam principalmente para os saudar — saudação a ambos devida pela muita admiração que me merecem e pela amizade com que me honram e de todo o coração retribuo — e também para me congratular com Manuel Pires, —o nome que não mudou na cabeça do jornal e que por isso, constitui o traço de união entre aqueles dois e marca, de certo modo e até certo ponto, a continuidade da obra encetada há treze anos. Neste momento, mesmo, em que se comemora o decimo terceiro aniversário do «Povo Algarvio», a evocação aqui destes três nomes é, além de oportuna, sem dúvida alguma não só a melhor homenagem que se lhe pode prestar, mas tambem um acto de inteira justiça, visto que este jornal é, afinal, obra exclusivamente sua: da sua inteligência e do seu coração, da sua dedicação, do seu desinteresse e da sua persistência invulgares.

Sonho velho do Manuel Pires. A ideia de um «Povo Algarvio» tavirense nasceu e tomou forma e vida nos intervalos das aulas do nosso já bem distante quinto ano do liceu, depois da sua interessante tentativa da «Pagina de Tavira» no semanário do «Correio Olhanense», mas forma incerta e vida efémera, pois o jornal que então assim apareceu, e o Dr. Eduardo Mansinho dirigiu e nós e outros enchemos com as literatices românticas dos nossos dezoito anos, pouco tempo durou e em nada se afirmou.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

O Nosso Aniversário

COM A PUBLICAÇÃO do presente número entra o «Povo Algarvio» no seu 14.º ano de publicação.

Treze anos na vida de um jornal de provincia já representa, pelo menos, o esforço e boa vontade de quem o dirige.

Desde a primeira hora em que nos lançámos nesta ardua tarefa de dar semanalmente aos nossos leitores um jornal, foi sem qualquer parcela de vaidade que o fizemos, mas, se nos orgulhamos da modesta obra creada é porque ela representa para Tavira uma manifestação de vida e de cultura.

O jornal não nos pertence, o jornal é dos seus assinantes, de todos os bons tavirenses, de todos os bons algarvios.

Vivendo únicamente do produto dos seus anúncios e assinaturas, ele irá singrando na estrada ingreme da vida, cumprindo o seu destino.

Neste dia festivo para nós, cumpre-nos o dever de agradecer a todos os nossos prezados amigos e colaboradores todo o valioso auxilio que nos têm prestado desinteressadamente.

Apraz-nos cumprimentar os nossos prezados camaradas da imprensa provinciana, com os quais mantemos há 13 anos as mais leais relações.

TAVIRA — Praça da República

Saudação

Circunstâncias várias de saúde, ocupações e falta de tempo me fizeram interromper, espero que só temporáriamente, o grato convívio semanal que durante alguns meses mantive com os leitores de «*Povo Algarvio*».

A passagem de mais um aniversário deste jornal e a gentileza com que os seus dirigentes sempre me obsequiaram forçam-me a quebrar o silêncio provisório para cumprimentar os «mantenedores» deste semanário tavirense pela persistência com que dão vida ao jornal e, ao mesmo tempo, desejar, num brinde muito sincero, longa continuidade vitoriosa a esta voz de Tavira que todos os domingos se faz ouvir de seus leitores e amigos.

A existência de um hebdomadráio local de província só pode manter-se por um esforço inglório dos seus responsáveis e pela dedicação de leitores e colaboradores, que, afinal, dirigindo-o, lendo-o e escrevendo-o, lhe dão vida e lhe garantem a permanência no número das actividades que caracterizam uma terra.

Seja embora pequena a difusão, falhem por ventura os motivos de interesse no que publica, a verdade é que um jornal regional é sempre uma necessidade e uma manifestação de vitalidade digna de apreço que mais não seja pelo desinteresse com que é apresentado.

Mas o mais importante é, se não me engano, o representar uma voz que se manifesta e dá guarida à expressão do modo de pensar dos que alguma coisa têm a dizer de útil para os leitores.

Além disto, pode e deve um semanário de provincia ser uma lição viva de cortesia e do sempre tão indispensável respeito mútuo que, se não é reflexo do que existe no ambiente, pode, no jornal, servir de exemplo e de modêlo.

Que assim seja sempre são votos que não fica mal exprimir neste aniversário de «Povo Algarvio».

J. Magalhães

INTIMIDADE

Dentro de mim, gritando, há qualquer cousa
Que é um pouco de sombra e de luar!
E em tudo se extasia o meu olhar,
Naquilo que observa, onde se pousa.

Tenho uma aspiração que não repousa
E não se cansa nunca de gritar,
Como alguém que se perde a contemplar
Um quadro português de Alberto Sousa.

Sofro bastante. E sou feliz, no entanto!
Para todos os lados, se levanto
O meu olhar, mais infelizes vejo.

—As outras dores a nossa dor minoram...—
¿Quem sabe se não sentem os que choram
Maior que o meu o seu atroz desejo?!...

A. GARIBÁLDI

TROVA

Os cegos choram, cantando
Um fado de perdição...
Quem é cego vê e sente
Cegueira no coração.

ISIDORO PIRES

PELA CIDADE

Uma comissão das Festas do 8.º Centenário de Lisboa visitou Tavira—Acompanhado do sr. Victor Duarte, encarregado da Organização das representações do Algarve, veio a esta cidade no passado domingo uma comissão composta pelos srs. Comandante Joaquim Henrique de Brito, Jorge Simões, Redactor do «Diário da Manhã», Comandante Jacinto Milheiriço e Luiz Rosa.

Eram aguardados na Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro pela Direcção e pelo autor musical e ensaiador do rancho de Tavira, maestro Herculano Rocha.

Depois de uma breve troca de cumprimentos seguiram para a sala de baile, onde ouviram os números de música que a representação tavirense cantará em Lisboa.

●

Instrução de Recrutas—Chegaram a esta cidade cerca de 200 soldados recrutas do Regimento de Infantaria n.º 4, de Lagos.

Na próxima semana virão novos recrutas fazer os exercicios de tiro, na carreira de tiro, desta cidade.

●

As Festas a realizar no mês de Junho pela Sociedade Orfeónica de A. M. e Teatro—Está despertando grande interêsse, nos meios recreativos e culturais na nossa província, a realização no próximo mês de Julho, do «Concurso de Arte Dramática», promovida pela Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, com o patrocínio da Federação das Sociedades de Educação e Recreio.

Até este momento estão já inscritos os grupos cénicos das seguintes sociedades:

Club Artístico Lacobrigense, Glória ou Morte Portimonense, Silves Futebol Club, Sport Lisboa e Faro, Sociedade dos Artistas Farense, 20 de Janeiro e o club organizador. São de esperar novas inscrições, em virtude da maior parte das Sociedades de Recreio estarem a organizar, no presente ano, grupos cénicos.

●

Santa C. da Misericórdia—Para facilitar o pagamento dos fóros e juros, continua aberta todos os domingos, das 12 às 15 horas, a Secretaria desta instituição.

Publicações recebidas

«**Viagem**»—Recebemos o n.º 78, referente a Abril findo.

—

«**Gazeta dos Caminhos de Ferro**»—Temos presente o seu n.º 1425, referente a Março do corrente ano.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Uma jornalista francesa no Sul de Portugal

Olga Yvon

numa entrevista que concedeu ao «Povo Algarvio» disse-nos, como interpretou a paisagem e a psicologia do Povo do Reino dos Algarves

OLGA YVON

Por ANÍBAL ANJOS

NUM SALÃO de chá da Baixa. Sobre o mostrador negro do meu cronómetro, os ponteiros doirados marcam lentamente os minutos e os segundos que me separam ainda da jovem e vistosa jornalista francesa que, por acaso, encontrei no outro dia num estabelecimento da capital. Chama-se Olga Yvon e falou-me tão entusiasticamente do Algarve, que não resisti á tentação de pedir-lhe uma entrevista para o «Povo Algarvio».

São apenas sete da tarde, hora a que o centro da capital atinge o auge do movimento, quando, sorridente, a loira jornalista francesa aparece no lumiar da porta do café.

Abancamos para o interrogatório da praxe, a que ela, oficial do mesmo oficio, acostumada a infligir estes mesmos «sacrificios», aceita pacientemente.

—Quais são os locais do Algarve que visitou?

—Muitas cidades, vilas e praias, mas, dentre todas as que conheço, algumas particularmente me chamaram a atenção pela diversidade dos hábitos e psicologia do seu povo. Faro, movimentada, Portimão—a que chamarei a cidade labirinto, pelas suas multiplas ruas—Tavira, a amorosa, e Olhão, cheia de pitoresco, atraíram-me, direi mais conquistaram o meu coração para sempre.—diz-me Olga Yvon, cheia de entusiasmo. Depois, prosseguindo, afirma ainda:—A vossa provincia algarvia possui encantos formidaveis sob o aspecto panorâmico, onde a vegetação luxuriante alterna como num desafio constante com o mar ali a dois passos, sobre o qual vogam os barcos caracteristicos do pescador algarvio, exemplo inigualável de trabalhador do mar. Além disso, o povo algarvio é dos mais hospitaleiros que jamais me foi dado encontrar nas minhas andanças através do mundo!...

E, dizendo isto, os olhos azuis, da côr do mar de que ela fala agora com calor, iluminam-se, sorriem-me, a mim português que me sinto envaidecido com tão espontânea confissão, proferida por uma estrangeira em plena terra lusitana, através da cortina de fumo azulado dos volutos dos nossos cigarros, que sobem no ambiente cálido do café.

—Recordações de Portugal?...

—As melhores, inolvidáveis!... —contesta-me Olga Yvon, a minha colega francesa, ao mesmo tempo que me afirma:—

—Além disso, Portugal disfruta duma bela situação dentre um mundo em ruínas, saído duma das maiores guerras que a Humanidade suportou, graças á obra formidavel de Salazar e do Estado Novo.

Em seguida, a jovem gaulesa loira, de olhos azuis, espirito cintilante do jornalismo da França, refere-se encomiasticamente ao espectáculo maravilhoso das amendoeiras em flôr e ao pitoresco da paisagem algarvia:—

—Olhão é encantadora, a-pezar-de pequenina. E como folclore nada há que se lhe compare nas nossas terras piscatórias, embora as nossas sejam maiores. Ha coisas que nunca se esquecem em toda a nossa vida, por mais que vivamos; e, neste caso, está o panorama cheio de alvura que se disfruta da terra da igreja, ao contemplarmos Olhão e o seu vasto casario cheio de alvura. Por vezes, ficamos na indecisão se não estamos sendo vítimas duma mistificação:—Portugal ou Marrocos?...

Havia meia hora que eu escutava embevecido Olga Yvon falar-me calorosamente do Algarve e de Portugal.

Mas a minha interlocutora, frivola como toda a parisiense, não se limita a falar do Algarve trabalhador, do povo algarvio que moureja para angariar o seu sustento. A jornalista conta-me agora, entusiasmada, as suas impressões das praias algarvias, onde o povo que pode dar-se a tal luxo, se diverte, e a sua admiração vai para a aristocrática praia de Monte Gordo, com os seus dois explendidos casinos.

Em pouco menos de uma hora o Algarve tinha desfilado perante o meu espirito, em todo o seu colorido, através da narrativa entusiástica proferida por Olga Yvon que, em breve, ia partir para além Pirineus. Partia no avião da tarde; e, assim, saímos a tomar um «taxi» que nos conduziu ao aeroporto da Portela de Sacavém. Sobre o campo os quatro potentes motores da grande aeronave roncavam com toda a força. Alguns escassos minutos de conversa amena, mais, entre dois cigarros, eterno companheiro dos rabiscadores de papel para os jornais. O avião ia partir. Despedi-me apressadamente daquela francesinha loira — alma eterna da França intelectual, que ia transportar no seu espirito sensitivo a grata recordação do nosso querido Algarve, florido e cheio de cor!...

Os barcos que encantaram Olga Yvon...

Júlio Sancho
Médico-Radiologista
Raios X - Electroterapia
Rua de Santo António, 32 - 1.º
TELEFONE: Consultório e Residência 368
FARO

Informações

No dia 3 do corrente, esteve em Tavira, onde visitou a Escola de Pesca em companhia do sr. Comandante Henriques de Brito, o sr. Comandante Tenreiro, ilustre deputado pelo Algarve.

Seguidamente visitou S. Brás de Alportel, onde vai ser construido o sanatório maritimo.

O sr. Comandante Tenreiro foi acompanhado pelos srs. Comandante Henriques de Brito, Director da Escola de Pesca de Tavira e por António Almodovar, Presidente do Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha, em Olhão.

* * *

No passado dia 18 do corrente, foram eleitos para o Hospital da Santa Casa da Misericórdia, de Faro, os seguintes membros:

Dr. Justino de Bivar Weinholtz, Dr. Armando Cassiano, Celestino Ventura Mascarenhas, Emiliano Pereira Ramos, João N. Pestana Girão, José Maria Palermo Ferrete, Luís Cumano de Bivar Weinholtz, Manuel Henrique Vilaça da Silva e Manuel José Lopes Trigoso.

* * *

Em materia de calçado, embora tenha sido abordada a possibilidade de livre permissão de fabrico, o que se procura, especialmente, é a obtenção de um tipo tabelado que, dada a regularização do abastecimento do País, em curtidos, possa ser adquirido a preço inferior ao que vigora actualmente para o calçado corrente, sem prejuizo de qualidade.

* * *

O sr. Governador Civil do Algarve tratou em Lisboa, junto das respectivas entidades, da dragagem da barra e fundeadouro de Tavira, desassoreamento do rio, e ainda da instalação duma Colónia de Férias em Cachopo.

* * *

A Casa do Algarve, na reunião da Assembleia Geral, realizada em 2 do corrente, presidida pelo sr. Almirante Mendes Cabeçadas, aprovou um voto de louvor e de agradecimento ao «Povo Algarvio», pelo apoio e carinho que tem prestado à reorganização daquela agremiação regionalista.

PELA CIDADE

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Simplicio.

●

Teatro António Pinheiro—Espectaculos da Semana — Apresenta hoje mais um grande programa duplo

Em réprise o *Terror dos Sete Mares*, a última palavra em espectaculos emocionantes, de aventuras e paixões, como nunca se viu. Paul Emreid e Maureen O'Hara são os interpretes desta maravilhosa pelicula em Technicolor, que é a mais bela e apaixonante historia de amôr entre arrebatadoras e emocionantes aventuras. Em complemento, é apresentado pela primeira vez o grande filme *Jornada do Medo*, cuja acção decorre na Turquia, e em que não falta amor, misterio, e que nos apresenta ao mesmo tempo, como autor, produtor e intérprete o grande Orson Welles.

Quinta feira—Um filme sueco com nervo e verdade *O Expresso 56*, 1.º Prémio da Sociedade de Jornalistas, com Anders Henrikson, Aina Zaube e George Fant. Este filme ultrapassa todas as demais produções suecas, em virtude da sua chocante verdade e avassalador poder emotivo.

Em complemento, uma hilariante comedia da Warner Bros, *Mangas de Amor*, com Kai Francis, George Brent e Ralph Forbes.

Sabado—Uma super produção da Metro *O Vale do Destino*, com Greer Garson, Gregory Peck e Leonel Barrymore.

História que empolgará todos os espectadores e que ficará na memória de todos que assistirem á sua exibição.

ATRAVÉS DO ALGARVE

TAVIRA

TERRA DE ILUSTRES

Estácio da Veiga Célebre Arqueólogo

Por LUÍS BONIFÁCIO

TAVIRA, GLORIOSA cidade do sul de Portugal, serviu de berço a conhecidos homens que se tornaram célebres em todo o País pelas suas audácias, pelos seus escritos e manifestações culturais.

A 6 de Maio de 1828, nasce em Tavira, Sebastião Phillipes Martins Estácio da Veiga. (1) Faleceu a 7 de Dezembro de 1891.

Era filho de José Agostinho Estácio da Veiga, fidalgo da Casa Real, e de D. Catarina Phillipes Martins. Frequentou os estudos secundários do Liceu Nacional de Faro, e foi por algum tempo aluno da Escola Politécnica de Lisboa. Colaborou em alguns jornais literários e políticos, e em 1859 era o redactor da secção noticiosa e literária da «Nação»; escreveu tambem nos jornais de Madrid: La America e Revista Iberica. Colaborou igualmente na Enciclopédia para o uso das escolas, e nas Notas á tradução dos «Fastos de Ovídio», de António Feliciano de Castilho, e no «Almanaque de Lembranças», dirigido por Alexandre Magno de Castilho.

ILUSTRE HISTORIADOR

Apesar da construção débil e saúde melindrosa, não receou entregar-se, com uma actividade que se não poderia supor da sua organização, aos estudos históricos e arqueológicos, tornando-se um trabalhador e investigador incansável, prestando á ciencia os mais altos serviços. Foi o fundador do Museu Arqueológico do Algarve, que depois serviu para a criação do Museu Arqueológico no edifício dos Jerónimos, em Belém, cuja direcção foi confiada ao sr. Dr. Leite de Vasconcelhos. Aquele Museu existe na Academia de Belas Artes, exposto numa galeria arqueológica ali organizada. A vida de Estácio da Veiga é a história de uma vocação. O mundo invisível para a maioria, a tragédia das espécies extintas, aquela imensa luta levada a cabo noutras épocas e que de criança via perpetuar-se em redor de si, no solo algarvio, onde transcorreram os seus primeiros anos, marcaram muito cedo seus cuidados e as suas inquietações e afãs. Sendo mestre, alternou as tarefas docentes com investigações arqueológicas. O mundo encerrava o segredo da vida e da morte, fascinava-o, e as suas manifestações ocultas mais do que as grandes belezas da natureza, maravilhavam-no. Estácio da Veiga conseguiu á custa de imensos cansaços e sacrifícios reunir elementos para a apreciação completa da fisionomia geológica do Algarve. Uma ocorrencia fortuita revelou ao país o seu talento de observador fino, metódico e seguro. Em 1876, uma copiosa quantidade de água torrencial pôs a descoberto nas províncias do Alentejo e do Algarve, restos preciosos de antiguidades históricas sepultadas desde séculos; e, sendo ele encarregado de ir conhecê-los, apesar do pouco tempo de que dispunha e dos embaraços que lhe opuzeram os homens e a natureza, conseguiu reunir e classificar uma tal soma de monumentos de civilização que estancearam por aquelas províncias, que foi o assombro. Daí, a sua ideia de estabelecer uma base metódica como ponto de partida para a carta arqueológica do país e sua ligação com o resto da península. Todavia, a sua actividade não ficou por aqui e consegue ser o secretário adjunto do Congresso de Antropologia. Nessa ocasião, todos os sábios estrangeiros que vieram a Lisboa visitaram o Museu Arqueológico do Algarve, e renderam ao seu devotado colector os mais alevantados elogios, admirando o método, ordem e disposição dos trabalhos do ilustre arqueólogo. Por essa ocasião publicou ele e apresentou ao Congresso duas obras: «A Tábula de Bronze de Aljustrel», lida e deduzida e comentada, e a «Memoria das Antiguidades de Mertola», que foram muito apreciadas. Possuidor de uma vasta erudição, passava a vida entregue a penosas investigações, sempre recolhido na sua modéstia, amando entranhadamente as coisas da sua terra e como que só vivendo para exalçá-la mais e mais. Correspondia-se com todos os sábios do Mundo e estava a par de todas as modernas investigações. A Geologia, a Paleoetnologia e a Prehistória eram o assunto favorito dos seus labores.

ESCRITOR NOTAVEL

Estácio da Veiga foi escritor notável, dedicando-se sobretudo a investigações históricas. Foi um poeta distintíssimo, um verdadeiro fidalgo pelo porte e pela figura aristocrática. Em 1863 publicou um folheto intitulado: «Gibraltar e Olivença», apontamentos para a história da usurpação destas duas praças. Em 1866 publicou o estudo botânico das «Plantas da Serra de Monchique», observadas nesse ano; separata do «Jornal de Ciencias Matemáticas, Fisicas e Naturais», da Academia Real das Ciências de Lisboa. Nesse mesmo ano publicou: «Os Povos Balsenses», sua situação geográfica e física, indicada por dois monumentos romanos descobertos em Tavira; e, pouco depois aparecia o «Romanceiro do Algarve», um belo volume, que o nosso académico inseriu no «Futuro» e na «Nação», de 1858 a 1860, e de que foram alguns romances transcritos do «Romanceiro Geral» do Dr. Teófilo Braga. Seguem se as «Antiguidades de Mafra», em 1879; a célebre decifração da «Tabula de Bronze de Aljustrel», memoria apresentada á Academia das Ciências, em 1876; e, depois, no Congresso antropológico e arqueológico em 1880. «As Memorias das Antiguidades de Mertola», observadas em 1877, tambem apresentada no referido Congresso de 1880; 5 anos depois, em 1885, publicou a monumental carta arqueológica da história do Algarve, e, no ano seguinte, 1886, as «Orquídeas de Portugal». De 1886 a 1891, empregou-se Estácio da Veiga na publicação da sua obra prima, em 4 volumes, «Antiguidades do Algarve», saindo o 1.º volume em 1886; o 2.º em 1887, o 3.º em 1889, e o 4.º em 1891. A'cêrca desta obra, encontra-se no «Ocidente», vol. XV, 1892, pag. 10, 11 e 30, uma minuciosa descripção e devida apreciação, feita pelo já falecido escritor Manuel Barradas. Foi oficial da sub inspecção geral dos Correios e Postas do Reino, sócio correspondente da Academia Real das Ciências, da Sociedade de Geografia, do Instituto de Coimbra, da Sociedade Broteriana de Coimbra, do Instituto Arqueológico de Roma, da Sociedade Francesa de Arqueologia, da Real Academia Belga de Arqueologia, do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, historiador e arqueólogo. Faleceu em Lisboa, a 7 de Dezembro de 1891. Num dos próximos artigos—visto que no presente já me alonguei demasiadamente—falarei de outras personalidades do século XX que, com os seus trabalhos, se tornaram conhecidas para além fronteiras.

(1)—Elementos publicados no «Dicionário Portugal».

CARLOS PICOITO
ADVOGADO
Avenida da Republica, 120-122
FARO
Consultas em Tavira, às quintas feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres

TIPOS E CASOS—(VI

Tavira d'ontem

UMA MERENDA HÁ 50 ANOS

Por DAMIÃO DE VASCONCELLOS

BONS TEMPOS em que se merendava!...

Almoçava-se das 9 para as 10 horas, jantava-se às duas da tarde, e ceava-se das 9 para as 10 da noite. Era o normal.

Havia a merenda à tardinha: o que calhava, consoante a época do ano, alem do pão merendeiro, que conheci e de que tenho saudades. Como isto já vae longe!

Mas vamos ao nosso caso.

Era n'uma horta, nos arredores de Tavira, por uma bela tarde de Agosto.

Chegara há poucos dias o Napoleão, de S. Carlos, consagrado *chef claqueur* das óperas do nosso teatro lirico. Fazia um sucesso no pacato burgo pela indumentária: chapeu de pasta, sobrecasaca, calças claras, colete de fantasia muito decotado, reluzente camisa engomada onde sangravam botões de coral.

Um dandi; como se fôra comandar os aplausos nos trechos dificeis das óperas, consagrando os artistas.

Fazia sucesso no burgo pela sua *allure,* pelos ditos e alegria comunicativa, em especial entre nós, rapazes que gravitavam em torno d'ele, como satélites em torno do astro central.

Admiravamos o seu tipo, e em especial a convivência com artistas de nome, com fidalgos *vieille roche,* com tudo quanto Lisboa tinha de bom, de *trés chic*, e parecianos evolar-se d'ele todo um perfume da capital, que nos atraía no anceio, na fascinação de Lisboa, no nosso desejo ardente de a ver, de a gosar, como êle dizia gosa-la.

Era um encanto e novidade para nós, rapazes bisonhos dum burgo pacato.

E como gratidão a esta convivência extra costume, que nos honrava e nos engrandecia a nossos próprios olhos, brindamo-lo com uma merenda de melões, incluindo vinho, paga por nós, n'uma horta, rasgadamente a tanto por cabeça! contas do Porto, que nos arruinaram por uns tempos.

Mas que demonio! não se diria que o nosso grupo não era generoso e capaz de um acto que marcasse, que desse nome no tempo e no burgo.

No fim da merenda, Napoleão erguendo o copo de carrascão, e depois de brindar ao dono da horta e a nós, brinde que nos honrou, como se fôra d'uma testa coroada, acrescentou:

«...*rapazes, amigos, até a emborcar uns copos é precisa a arte, a arte de beber, e ela consiste em beber sem atingir a méta, que dá pelo nome de carraspana. Ora nós estamos cheinhos de melão e bem bebidos, sem atingir a méta. Eis a arte de beber. Nasce a lua, vamos pois meter pernas a caminho de Tavira, que são horas do nobre dono da casa repousar das fadigas do dia*».

E metemos pela horta abaixo, a um de fundo, Napoleão à frente, dedilhando na bengala e cantando em voz abaritonada:

Ora viva a pandega,
Ora viva, olá,
Como esta pandega,
Não sei, nem há.

Foste ao Senhor da Serra,
Nem um anel me trouxeste,
Nem os moiros da moirama,
Ai, fizeram o que tu fizeste!

E já na estrada, sob um luar esplendoroso, pedimos a Napoleão cantasse trechos de óperas.

De novo a voz abaritonada se ergueu, agora em trechos classicos, que nos arrebatavam, sentindo um *frisson* pela espinha, no encanto e sedução de Lisboa, como nós a imaginávamos, cheia d'arte e de gozo.

Dias depois, Napoleão, de guarda-pó côr de mel e barretinho de seda com aplicação de vidrilhos, embarcava na diligencia, caminho de Faro, para tomar o comboio para Lisboa.

Foi com saudade e afecto que nos despedimos d'ele, aos abraços, dizendo-nos:

—Rapazes, amigos, adeus, até um dia em Lisboa; lá vos espero e arranjar-vos-hei umas borlinhas para a ópera, sonho dourado de todo o porteguesinho tesissimo.

E já a velha carrimónia rodava, ainda Napoleão acenava adeuses repetidos, gritando:

—Rapazes, amigos, p'ra vida, e p'ra morte!

E foi com saudade que o vimos partir,—para sempre!...

A Seguir: Um coronel prussiano

FUTEBOL

Luzitano I — Sporting de Braga 0 ao intervalo (0-0)

Jogo no campo «Francisco Socorro», que registou rasoável assistência — o que não confirmou a importância do encontro.

Era de esperar uma grande assistência dada a grande popularidade que o Sporting Club de Braga disputa em Portugal e por se tratar de um club que vai bem lançado na prova, deveria ser acompanhado por uma falange de apoio; os algarvios no seu campo são muito perigosos.

Começado o encontro, a bola é disputada de táco-a-táco, nos primeiros minutos. Registam-se algumas avançadas dos algarvios — sem contudo haver golos.

Várias defesas de Salvador e entradas oportunas dos dois defeses salvam as suas redes do intenso bombardeio.

Com o resultado de 0-0, chega-se ao intervalo.

Para o 2.º tempo o Luzitano empregou o mesmo gás, defendendo-se a equipe Sportinguista com unhas e dentes.

Por várias vezes se desenharam jogadas de «golo-feito» — mas os algarvios não atinam com as redes, umas vezes por falta de serenidade e outras por o remate ser atirado para as nuvens...

Aos 8 minutos finais e premiando a boa actuação dos algarvios na defesa e a infelicidade no ataque, Germano obteve de cabeça o único goal do encontro antecipando-se a Salvador que tentara a defesa. A bola voltou ao centro e num abrir e fechar de olhos quási que é marcado o 2.º.

As últimas jogadas foram passadas com o grupo visitado a procurar e igualar o mesmo resultado com que foi batido na 1.ª volta, mas não foi feliz, pois o árbitro sr. Carlos Canuto, de Lisboa, deu por terminado o encontro, em que, com a victória do club de Vila Real de Santo António coloca em igualdade de pontos os trez, pretendentes ao título de Campeão Nacional da II Divisão e o seu ingresso automáticamente na Divisão maior.

A Classificação é a seguinte:

Clubes	J	V	E	D	B	P
Sport. Braga	5	3	—	2	9-3	6
Oliveirense .	5	3	—	2	8-9	6
Luzitano . .	5	3	—	2	7-7	6
Unidos Montijo	5	1	—	4	10-15	2

Hoje, pelas 17 horas, realiza-se no Estádio Nacional o

I PORTUGAL-INGLATERRA

Ainda o encontro de Futebol Escuela de Flechas Navales—Escola de Pesca.

Por lapso, foi indicado no cabeçalho da reportagem daquele encontro o resultado de 3 3, quando deve ser 3-0 a favor da Escuela de Flechas Navales de Huelva.

Aos leitores desportistas pedimos desculpa.

J. Cruz

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—Srs. José António Viegas Conceição e Carlos Lopes Bramão.

Em 26—Mle. Maria do Carmo de Jesus Zacarias, António Vaz Rodrigues e João Filipe da Silva Martins.

Em 28—D. Elia Fernandes Garrana.

Em 30—D. Fernanda Maria Ferro Marçal Martins e Mle. Maria Madalena Viegas.

Em 31—Sr. Manuel Ferro Marçal e Joaquim da Cruz Tita

Partidas e Chegadas

Vimos em Tavira o nosso conterrâneo sr. Engenheiro Rui Palermo Ferreira.

—Já assumiu novamente as suas funções o sr. António de Jesus Xavier Avô, digno gerente do Banco Nacional Ultramarino, nesta cidade, que, conforme noticiamos, esteve bastante doente, facto com que muito nos regosijamos.

—Acompanhado de sua esposa sr.ª Dr.ª D. Laura Mendonça de Almeida, encontra-se nesta cidade o sr. Engenheiro Albino de Almeida, residente em Lisboa.

—Foi á capital o sr. Dr. Martiniano Pereira dos Santos, distinto médico nesta cidade.

—De visita a sua familia encontra-se em Tavira, com seu filhinho, a sr.ª D. Maria Eduarda Costa Santos, esposa do nosso conterrâneo sr. Julio dos Santos, comerciante, residente em Lisboa.

—Encontra-se nesta cidade o nosso assinante sr. João de Matos, que durante algum tempo permaneceu em Lagos.

—Acompanhado de sua esposa e filhas partiu para Lisboa, ondo foi consultar a Medicina, o nosso conterrâneo sr. Mário Nogueira Mimoso Faisca verificador das Alfandegas, aposentado.

—Encontra-se em Tavira o nosso conterrâneo sr. Eduardo Sancho Correia, proprietário, residente há já alguns anos em Marrocos.

Doentes

Tem estado bastante doente o pai do nosso conterrâneo sr. João Soares, empregado nos escritórios da Companhia Balsense.

—Encontra-se doente já há dias a sr.ª D. Beatriz Faleiro, esposa do sr. José Pires Faleiro, empregado da Companhia Balsense no Algarve.

Fazemos votos pelas rápidas melhoras de todos.

Necrologia

No dia 18 do corrente faleceu em Vila Real de Santo António, a sr. D. Felicidade do Nascimento Chanoca, de 55 anos de idade, natural de Tavira.

—

Também no dia 15 do corrente faleceu na Fuzeta, a sr.ª D. Luisa Maria Pacheco, de 93 anos de idade, natural de Santa Catarina, concelho de Tavira.

—

No dia 15 do corrente faleceu em Lisboa o nosso conterrâneo sr. Eduardo Aurelio Parreira de Faria, de 67 anos de idade, antigo director do Asilo Elias Garcias, de Torres Vedras.

O extinto deixa viuva a sr.ª D. Maria Teolinda da Cunha Parreira Faria e era pai das sr.as D. Maria Julieta Parreira Contelo Martins, D. Maria Violeta da Cunha Parreira Faria e dos srs. Eduardo da Cunha Parreira Faria, funcionário do Instituto de Orientação Profissional, e do nosso prezado amigo sr. Américo da Cunha Parreira de Faria, contabilista da firma Araujo Ribeiro & Dias, desta cidade, e era irmão do sr. José Joaquim Parreira Faria, escrivão de Direito aposentado.

A's familias enlutadas enviamos condolências.

Lisboa, Nobre Cidade

As grandiosas Comemorações do seu VIII Centenário

A Capital de Portugal está em festa, pois iniciaram-se solenemente as Comemorações do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros pelo herói Fundador da Nação Portuguesa, D. Afonso Henriques. A' meia noite do passado dia 15 do corrente mês de Maio e, após um simulacro de combate, uma grande Cruz luminosa se ergueu no alto da colina, sobre as muralhas do Castelo de S. Jorge, espargindo os seus raios luminosos sobre a cidade de Lisboa da qual disse o poeta: «*Aquela que no mundo, fácilmente, das outras cidades é princesa*».

Essa cruz indica aos habitantes da Capital e ao País inteiro que foi por meio dela, e à sombra dela e em defesa dela, que se realizaram os grandes feitos de toda a nossa História. Os seus braços de oiro pareciam querer dizer a todos os lisboetas que estavam abertos para os receber, pois ali encontrariam o refúgio para todas as dores, a calma para todas as tempestades da vida. O centro era cor de sangue, símbolo do heroísmo de tantos portugueses que em oito séculos de História se sacrificaram para a defender contra todos os seus inimigos. A Cruz amiga saúda Lisboa, saúda o País, e indica-lhe o caminho que deve seguir para não desdizer da sua História.

Para festejar o aparecimento da Cruz Salvadora puseram-se a cantar os sinos de todas as igrejas de Lisboa; apitaram as sereias de todos os barcos surtos no rio. O Castelo desenhou-se irisado, mergulhado em claridades; e assim ficou durante a noite para que todos os filhos da nobre Lisboa o pudessem contemplar de toda a parte. Um fogo de oiro e prata começou, então, saudando a Cruz e o Castelo. A multidão em ondas intermináveis acudira à Baixa, vinda de todos os pontos da cidade. Esta despovoara-se para acudir a contemplar o imponente e nunca visto espectáculo. O povo presenciou deslumbrado este maravilhoso espectáculo, cantando no mais íntimo do seu coração um hino à Cruz, ao Castelo defensor, à cidade e ao País inteiro, onde tivéramos a dita de nascer.

Para completar este indescritível espectáculo acudiram bandas de música vindas de todos os bairros da cidade, para fazerem a mais bela e romântica serenata à Princesa do Tejo. Por toda a parte se ouvia o hino de Lisboa, e a marcha dos Centenários. Era Lisboa inteira que vibrava de entusiasmo e de amor; que tinha mais confiança em si, maior fé nos destinos da Pátria. Nestas festas temos a aliança perfeita entre o corpo e o espírito, entre as alegrias sãs e os símbolos sagrados que nos indicam o cumprimento do dever.

No dia 15 quando o Sol já subia alto deu-se outro espectáculo indescritível: a espada do Rei Fundador entra em Lisboa e é levada até ao Castelo, depois de percorrer algumas das principais artérias de Lisdoa, onde uma multidão imensa a contemplava e sentia vibrar, dentro do seu peito o entusiasmo heróico, esse entusiasmo que nos leva a praticar actos sublimes de dedicação pela Terra que nos viu nascer. Essa espada fez acender a fogueira do patriotismo no coração de muitos portugueses, um pouco esquecidos dos seus deveres.

Depois a espada entra solenemente no Castelo e, a seguir, são ali hasteadas as Bandeiras Nacional, da Fundação e do Municipio, na presença da espada de D. Afonso I e tendo como docel o céu azul e claro de Portugal. Ao mesmo tempo, por toda a cidade, foram desfraldadas muitas bandeiras, imensas bandeiras, como para significar o entusiasmo do povo lisboeta nesta data gloriosa de oito séculos de história gloriosa, oito séculos de grandes feitos pela Pátria, oito séculos de propaganda da Boa Nova pelo mundo inteiro.

A' tardinha a consagração religiosa da abertura das festas, o solene «*Te Deum*» na Sé Patriarcal de Lisboa, essa velha mesquita que foi consagrada a Santa Maria logo no primeiro dia da Tomada de Lisboa aos Mouros, depois de devidamente purificada, no dizer dos nossos Cronistas. E daqui partiu a primeira procissão para comemorar a tomada da cidade. Sublime procissão de fé e de amor! Quanta alegria, quanto entusiasmo religioso naquelas gentes que viam a pérola do Tejo reintegrada na coroa portuguesa!... Sua Eminência fez uma notável alocução alusiva a tão inesquecível acto.

A' noite houve sessão de gala nos Paços do Conselho, sessão em que se cantaram as glórias de Lisboa e se aludiu aos mais notáveis episódios da sua história. Este foi o começo das festas, que continuarão, cada vez com maior entusiasmo, até ao encerramento no dia 26 de Outubro. Lisboa está em festa. Viva Lisboa, glória de Portugal!...

Prof. Braz dos Reis

CASA DE MÓVEIS
— DE —
JOSÉ DE OLIVEIRA
Avenida D. Marcelino Franco - TAVIRA
Mobilias do mais requintado gosto artistico em madeiras especiais.

DUAS PALAVRAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Só em 1934 o Manuel Pires conseguiu dar ao seu sonho realidade perdurável, porque, tendo conseguido a adesão do interesse, entusiasmo e cultura do Dr. Jaime Bento da Silva, conseguiu, com ele, a orientação e a forma de um «Povo Algarvio» capaz de se impôr no conceito dos seus conterrâneos, dos seus comprovincianos e até dos seus compatriotas. A persistência do Manuel Pires foi, assim, o alicerce sólido dêste jornal, como a orientação séria e elevada que o Dr. Jaime Silva lhe soube imprimir e manter ao longo de mais de uma década foi o motivo fundamental da simpatia que granjeou e do prestígio de que disfruta. O nome de Isidoro Pires e a sua firmeza na continuidade da orientação anterior são a garantia e segurança de um futuro que há de ser, sem dúvida, igual ao seu passado e prolongará por muitos anos esta obra que só por si se impõe. Porque a verdade é que êste jornal é uma obra que se impõe. Se manter um jornal durante treze anos já é invulgar num meio em que as tentativas desta natureza falham ao fim de meses, mais invulgar é ainda mantê-lo no mesmo nível de elegância moral e mental a que o alçou o seu primeiro número, continuá-lo na orientação que lhe foi dada na primeira hora, sem tergiversações, sem desvios, sem subtilezas suspeitas, e antes sempre com a clareza das atitudes leais e desassombradas, em que nada se esconde atrás da prestação de serviços e nada se deseja em paga dos serviços prestados. Jornal essencialmente regionalista, defensor acima de tudo de Tavira e do seu termo, mas também e fundamentalmente propugnador desinteressado das nobres tradições nacionais, paladino sem exageros, mas consciente, firme e sincero da causa da Pátria, baluarte despretencioso, mas sólido e fiel dos ideais de ordem e justiça, lutador sem jactância, mas vigoroso, leal e correcto, enfileirando nas hostes do renascimento nacional e cristão—o «Povo Algarvio» não pode deixar de se impôr à consideração, ao respeito e à admiração de todos os que cultivam e amam os mesmos ideais e, como êle, nunca cultivaram alianças ou tiveram contemporizações suspeitas nem precisaram de passar por cima de ninguém para levar com êxito a sua carta a Garcia.

Na hora em que regresso com as minhas pobres letras a estas colunas, satisfazendo o cativante pedido dos meus Amigos, aqui deixo, por esta forma, em simples palavras de justiça, com um abraço de gratidão e amizade para os que o sonharam, fizeram e mantêm com tanta dignidade e entusiasmo, a minha homenagem sincera ao «Povo Algarvio».

Antero Nobre

ALDOMIRO GONÇALVES
MERCEARIAS,
LOUÇAS, VIDROS, ETC.
Praça Dr. António Padinha, N.os 38-39
TAVIRA

Estância de Madeiras
— DE —
Firmino António Peres
— TAVIRA —
Serração Mecânica, Ferragens e Drogas
Agência Funerária

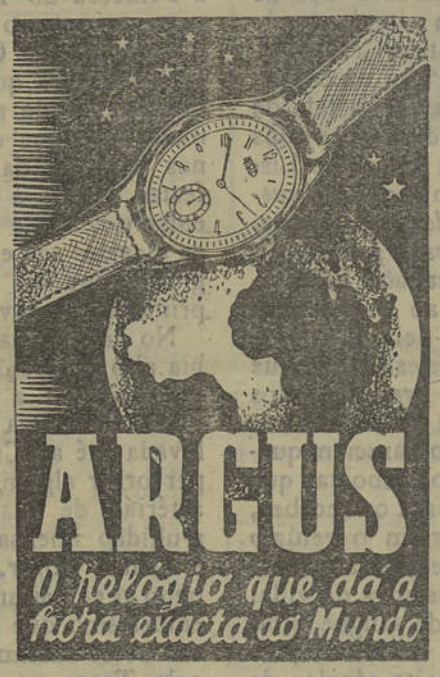
Relojoaria e Ourivesaria "GONÇALVES"

(MERCADO MUNICIPAL)

TAVIRA

Completo sortido dos mais modernos Relógios para homens e senhoras.

Modernos e acreditados Relógios de bolso



Relógios de parede, Carrilhões, etc.

Objectos de Ouro e Prata, Joias e lindos artigos para brindes, encontram V. Ex.as, neste estabelecimento.

J. J. CELORICO PALMA

Estrada Marginal — TAVIRA

Uma das mais acreditadas fábricas no Algarve

Fabricação esmerada das mais

SABOROSAS CONSERVAS

VENDA A PRESTAÇÕES

— DE —

RELOGIOS E JOIAS

— NA —

Ourivesaria J. V. Mansinho

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabríco fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13 APARTADO 13

FRANCISCA GUIDA FURTADO

PARTEIRA - ENFERMEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina de Lisboa

PARTOS

A PREÇOS MODICOS

chamadas a qualquer hora

Dá INJECÇÕES

fóra e em sua casa

Rua S. João de Brito, n.º 64

Vila Real de Santo António

A MODELAR

— DE —

Santos, Padinha, L.da

— TAVIRA —

Comunica aos seus estimados clientes que acaba de receber um grande sortido de

Calçado de verão e Artigos de Retrozaria, aos melhores preços.

CASA VENDE-SE

Na Rua Dr. Parreira com frente para a Rua José Pires Padinha com nove compartimentos compondo-se de réz do chão e 1.º andar.

Tratar com Joaquim da Fonseca Estola, Rua Dr. Parreira—Tavira.

A COMERCIAL

de J. Carmo Lda.

Artigos de Fanqueiro, Retrozeiro, Modas e Confecções

Rua Alexandre Herculano - TAVIRA

Tipografia Modelo

— DE —

Virgilio Correia Monteiro

Rua da Liberdade

— TAVIRA —

Variado e completo sortido de Papelaria, Artigos Escolares, de Escritório, etc.

Legislação Portuguesa

Vendem-se 14 volumes do Diário do Govêrno, devidamente encadernados e em bom estado, legislação publicada nos anos de 1928 a 1934, pelo valor das encadernações.

Tratar na Redacção deste jornal.

CASA CABRITA

Rua José Pires Padinha

— TAVIRA —

Sempre novidades em artigos próprios para a estação.

José Francisco da Graça

Rua José Pires Padinha — TAVIRA

Uma das mais antigas casas comerciais.

Grande e variado sortido de artigos de fanqueiro.

DROGARIA TAVIRENSE

— DE —

Manuel de Sousa Rosa

— TAVIRA —

Variado e completo sortido de PERFUMARIA, UTILIDADES, TINTAS, Etc.

Francisco de Paula Peres

MADEIRAS - FERRAGENS - DROGAS

Cuprinol para conservação de madeiras

Produtos da ROBBIALAC

Cabos de Linho, Cairo e Sizal

TELEFONE 72

Rua D. Marcelino Franco, 24

TAVIRA

Lagar

Pronto a funcionar, vende-se, com os respectivos alvarás, instalado na Rua dos Furneiros de Traz, n.º 12.

Recebem-se ofertas na Rua Jaques Pessôa, n.º 19 — Tavira.

CEIRAS e CAPACHOS para Lagares de Azeite

Vende o fabricante

José Mateus Esparteiro

B. Baixa — Alferrarede

TELEFONE 212

VENDE-SE

Uma fazenda no Fójo e uma courela na Foz.

Informa: António do Nascimento Real, (Barbearia), Rua Dr. Bombarda — Tavira.

Oficina de oculista

Primeira e única no género

Armações modernas e lentes das melhores fábricas da especialidade

Executam-se RECEITAS e todo o género de CONSERTOS

BINÓCULOS PRISMÁTICOS a pronto e a prestações

OFICINAS E SECÇÃO DE VENDAS

Largo dos Trigueiros n.º 1-Porta C ao poço do Borratem — LISBOA

ATENÇÃO

Servimos a província pelo correio

Serviços rápidos e preços sem competência

Garage de Recolha Gilão

— DE —

JOSÉ SERICA

Rua José Pires Padinha - TAVIRA

(Funcionamento permanente e lavagem de carros).

De entre os variados produtos á base de D. D. T. existentes no mercado para usos agrícolas, apenas dois se acham oficialmente recomendados. Um dêles, é o

GESAROL

para polvilhações e para tratamentos líquidos, nas percentagens de 5% e 20% de matéria activa.

GESAROL

vende-se exclusivamente em embalagens de origem para garantia da sua pureza e genuinidade. Não é o mais barato dos produtos D. D. T., mas a sua qualidade e eficiência proporcionam aos que o utilizam adequadamente, os melhores resultados possíveis.

UTILITÁRIA

Rua 5 de Outubro, 11 e 13 — TAVIRA

A MECAMOTO TAVIRENSE

Rua Nova da Avenida, 15 — TAVIRA

VENDE:

Motores, Bombas e acessórios para todas as industrias

MOTORES DIESEL ARMSTRONG-SYDDELEY DEUTZ e CONVENTRY

A Petróleo

INTERNATIONAL de 2 1/2 e 5 H P

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Srs. LAVRADORES:

Não comprem sem consultar os seus preços sem concorrência

Espingardas BELGAS

Acabam de chegar da mais alta categoria, especiais para caça e tiro aos pombos.

Espingardaria Algarve - Tavira